



Debret, o Brasil e as Crianças

Adriana Klisys

DEBRET, JEAN-BAPTISTE (1768-1848)

Pintor francês que veio ao Brasil a convite de D. João VI, para integrar a Missão Artística Francesa com o objetivo de fundar, juntamente com outros artistas franceses, a Academia de Belas Artes e trabalhar como professor da disciplina.

Permaneceu no Brasil entre os anos de 1816-1831. Nesse período, preocupou-se em documentar a sociedade brasileira de sua época, suas tradições, costumes, acontecimentos, retratando aspectos da cidade do Rio de Janeiro, principalmente aqueles que se referem a cenas históricas do cotidiano dos escravos e homens livres.

Organizou a primeira exposição pública de arte no Brasil no ano de 1829.

Ao voltar para a França, publicou o livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.

Neste relato de uma proposta de transformar quadros pictóricos em quadros vivos representados pelas crianças, colocamos também à disposição do leitor alguns dados sobre o pintor francês Jean Baptiste Debret, que veio ao País para documentar imagens do Brasil colonial para a monarquia francesa.

As crianças de 5 anos viveram situações de aprendizagem artística no Centro de Convivência Infantil do Instituto Adolfo Lutz, SP.

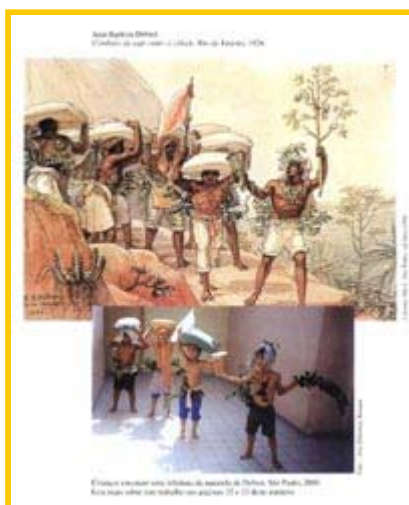
A proposta na área de Arte surgiu de uma pesquisa que as crianças vinham realizando sobre as raízes do povo brasileiro, principalmente sobre a influência do povo africano no Brasil. Para a equipe das professoras Maria Rosivane Batista Madeiro, Vera Lúcia Nunes e a coordenadora pedagógica Ana Christina Romani, a idéia de apreciar as obras de Debret pareceu muito propícia pois casou com o propósito de o grupo realizar uma pesquisa histórica. A equipe então se reuniu, sob minha orientação, para juntas pensarmos em encaminhamentos para esse trabalho, de modo que as crianças pudessem participar de forma dinâmica da apreciação de alguns quadros do pintor francês Jean Baptiste Debret. A partir das discussões da equipe pedagógica, surgiu a idéia de propor um jogo de apreciação, no qual as crianças observariam as obras para depois retratá-las numa cena que montariam, como um jogo de representação.

Para dar início às atividades com as crianças, foram escolhidas algumas gravuras de Debret, do livro *A Forma Difícil* (Ática, 1996) de Rodrigo Naves, ampliadas no tamanho sulfite para que as crianças pudessem olhar e imaginar como poderiam reproduzir aquela cena. Para tanto, contavam com espelhos na sala de aula, um baú de fantasias e alguns objetos que tinham à disposição. As crianças ensaiavam poses, gestos, olhavam-se no espelho, trocavam impressões com os amigos sobre como estavam ficando, e procuravam objetos que fossem correspondentes ao que viam na obra de arte, para retratá-la a seu modo. Cada grupo de crianças retratou uma cena, mas todas palpitaram em todas as cenas: quase um “quadro” realizado a muitas mãos. Qual não foi a surpresa das crianças ao verem as fotos reveladas! A intimidade que as crianças tinham com os quadros, após esse trabalho, certamente, aumentou consideravelmente. E o olhar apurado e informado, sem dúvida, modificou a forma de apreciar a produção de Debret.



Ver a obra de outros ângulos, poder enxergar as coisas de uma forma especial, sentir, emocionar-se, ser, transportar-se para outro tempo, imaginar-se parte da tela, enfim, brincar com a idéia de representar as cenas dos quadros de Debret, para depois voltar para a apreciação com este novo olhar re-significado, esta foi a experiência vivida pelo grupo envolvido no trabalho.

A obra de arte retrabalhada pelas crianças ganha movimento, vivacidade. Vida e alma. Beleza de gestos, movimentos, expressões, feições. Sensibilidade e razão integradas. Uma forma na qual vida e obra estão unidas. Um encantamento! Algo que nos toca! Como se Debret desse as mãos para as crianças e oferecesse a elas moradia em seu quadro. Um instante, cristalizado pela câmera, nos mostra um retrato, uma cena de um cotidiano remoto, presentificado na magia das crianças que vivem a arte através dessa brincadeira-apreciação que transforma, ao mesmo tempo, a obra e os artistas iniciantes.



Aventurar-se a interagir de outras formas com as obras de arte pode ser uma experiência fascinante para crianças e educadores que se autorizem a criar e generosamente partilhar esse trabalho com todos aqueles que quiserem brincar de olhar.

E, para finalizar, publicamos um trecho de texto escrito pelo próprio Debret, com suas impressões – estas sim, pitorescas – sobre o nosso País.

Transporte do Café

Jean Baptiste Debret

(...) Para facilitar ainda mais a venda de café, tão comum no Rio de Janeiro, existem armazéns bem abastecidos onde os compradores podem escolher e tratar com os proprietários ou os comissários.

Quanto ao transporte, penoso muitas vezes em virtude da extensão do trajeto, faz-se mister, para efetuá-lo sem inconvenientes,

não sòmente um número de carregadores igual ao de sacos, mas ainda um capataz entusiasta, capaz de animar os homens com suas canções improvisadas. Em geral o primeiro carregador é o porta-bandeira e se distingue por um lenço amarrado a uma vara. Toda a coluna é guiada pelo capataz que costuma munir-se de um chifre de boi ou de carneiro; é este o troféu, para ele, um talismã contra todas as infelicidades que poderiam ameaçar a marcha do grupo, um amuleto que alimenta sua verborragia com a qual ele se impõe à superstição de seus soldados ocasionais. Entretanto, depois da coluna chegar a seu destino e ser paga, a igualdade volta a imperar e a fraternização se faz na venda mais perto.

Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil
Biblioteca Histórica Brasiliense, Tomo I
Brasiliense, 1940